

## DOS DIÁLOGOS DA LITERATURA COM A HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*, DE GRACILIANO RAMOS

Tanira GIACON<sup>1</sup>  
Ana Paula Teixeira PORTO<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta reflexões sobre a obra *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos com o objetivo de discutir relações entre literatura e história. Ao tecer tal diálogo, destaca função social da obra.

**Palavras-chave:** Literatura. *Memórias do cárcere*. História.

Publicado em 1953, *Memórias do cárcere*, um livro de Graciliano Ramos construído através de memórias, relato autobiográfico e testemunho, pode ser considerado uma das obras que atesta o singular diálogo que a literatura pode estabelecer com a História a partir de um trabalho intenso com a forma estética e com o conteúdo narrado, com o qual o leitor é convidado a rever situações degradantes de presos brasileiros na década de 1930 quando o país se via imerso na Era Vargas. Além disso, o texto constrói uma interação de forma reflexiva com acontecimentos da época à proporção que mostra que o “ser humano, nesse ambiente, é despersonalizado, degradado e coibido dos seus direitos” (MEDEIROS, 2005, p. 1), o que confere a essa narrativa um traço especial: o de denúncia não apenas de um sistema carcerário, mas também de um processo gradativo de desumanização decorrente de políticas autoritárias do governo, como observamos quando o narrador-personagem afirma que “provavelmente não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolaríamos de cárcere em cárcere” (RAMOS, 2004, p. 179, v. 1).

O texto de Graciliano Ramos não se resume a uma narrativa de denúncias, o que reduziria a obra a um cunho documental. Candido (1992) pondera que o livro mescla depoimento e testemunho: “é o depoimento, relato que se esforça por ser direto e desataviado, o testemunho sobre o mundo da prisão, visto do ângulo da sua experiência pessoal, (...) o livro é desigual.” (CANDIDO, 1992, p. 88). Portanto, Graciliano Ramos, em *Memórias*, traz no discurso do narrador-personagem um testemunho de uma época em que a violência imposta pelo sistema opressor era traço determinante de uma política de assujeitamento do ser humano a uma ordem autoritária cujas ações de coerção e repressão se davam por uso de violência:

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras e Mestre em Letras – Literatura Comparada (URI-RS). E-mail: taniragiakon@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Letras, Mestre e Doutora em Letras – Literatura Brasileira. Professora do Programa de Mestrado em Letras da URI-RS. E-mail: anapaula-porto@bol.com.br

Pata macia de gato acariciando um rato. Em horas assim este se encolhe cheio de pavor, agarra-se a ilusões fugitivas, busca imaginar ocorrências vulgares: ida à secretaria, visita inesperada, uma carta improvável. Engana-se voluntariamente, esforça-se por afastar a lembrança das torturas, ali visíveis na pele, desalenta-se ouvindo as sílabas fatais, e a significação delas surge clara: perguntas invariáveis multiplicadas, a exigir denúncia, a teimosia do paciente punida com sevícias: golpe de borracha, alicate nas unhas, o fogo do maçarico destruindo carnes. (RAMOS, 2004, p. 358, v. 1)

Ao testemunhar uma versão da História a partir de uma perspectiva do materialismo histórico, pois a obra busca “saber ler e escrever uma outra história, uma espécie de anti-história, uma história a ‘contrapelo’” (GAGNEBIN, 1982, p. 66) com a visão de quem viveu à margem do sistema opressor do Estado Novo – como observamos no trecho acima em que o narrador constrói uma imagem do que sofriam os carcerários naquela época –, *Memórias do cárcere* também reúne nessas histórias o tom autobiográfico do livro. A obra é resultado de anotações (embora perdidas) de Graciliano quando este esteve na prisão e é redigida anos depois com dificuldade, já que, conforme declara o personagem-narrador, este resolveu “contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos”, que se constitui como uma tarefa cada vez “mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa” (RAMOS, 2004, v. 1, p. 33).

No discurso do narrador, constatamos um distanciamento entre presente (o de contar) e passado (o das experiências individuais e coletivas de dor). Nesse “movimento tenso entre o presente e o passado, instaurando um diálogo entre o sujeito da enunciação (eu-narrador) e o sujeito do enunciado (eu-narrado), que é trazido à tona pelo primeiro” (OLIVEIRA, 2011, p. 2), temos o testemunho de um passado doloroso que é difícil de representar pela linguagem verbal, assim como também é difícil de lembrar porque traz novamente à tona uma experiência que se quer superar. Ainda observamos a importância da voz selecionada para mediar o relato: é a de quem experienciou tais fatos, ou melhor, estava à margem, à mercê dos acontecimentos e os relembra também com dor o que gostaria de esquecer. Se o passado é doloroso, vemos que o presente também o é, pois, ao narrar, lembrar dessas memórias, é como se o passado fosse atualizado, de alguma maneira se sofresse novamente aquela dor incurável.

Nessa literatura de testemunho, como explica Seligmann-Silva (1999), vemos a necessidade de traduzir pela linguagem eventos, o vivido, construindo-se uma cisão entre a

linguagem e o evento, uma vez que “O testemunho se coloca desde o início sobre o signo de sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (real) com o verbal” (1999, p. 40). Isso explica a dificuldade de narrar, de reproduzir via linguagem uma experiência de dor, de barbárie como a representa em *Memórias do cárcere*.

No embate do sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, não há como negar uma identidade entre autor e narrador-personagem, o que é próprio do discurso autobiográfico. A partir da abertura do livro de Graciliano, constrói-se com o leitor um pacto autobiográfico: ao ler sabemos que, mesmo sendo uma obra também ficcional, nela encontramos uma passagem biográfica do autor – a de sua estada em prisões brasileiras, na qual, além do tom testemunhal, servimo-nos de uma história vista por baixo, não aquela que órgãos oficiais buscam legitimar. Esse traço autobiográfico da obra nos acena para uma particularidade: a posição social do escritor, o seu comprometimento com a reflexão acerca de um dos momentos mais conturbados de nossa história e a força narrativa de uma obra que se propõe a desvelar o que a voz do poder tentou defender ou ocultar.

Nesse sentido, compartilhamos a tese de que a obra de Graciliano Ramos é um texto de denúncia e contestação, podendo ser vista como texto que excede o “conteúdo meramente narrativo-biográfico e fornece elementos capazes de questionar a ideologia oficial do estado nacionalista e intervencionista e a memória do Estado Novo”, constituindo-se um “patrimônio literário brasileiro” à medida que assume “um papel antagônico em relação à memória oficial varguista e possibilitando uma análise que confronta o legado do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP” (SIMINI, 2010, p. 3). Em outros termos, vemos nas *Memórias* um instrumento de reflexão sobre a História do Estado Novo a partir de um viés particular, o de quem estava sob a égide do sistema, sofreu as barbáries por este impostas e tem uma outra versão da história para lembrar.

Ao optar por narrar a História sob essa perspectiva, o texto de Graciliano Ramos parece cumprir um papel formativo. Para Medeiros, essa capacidade de denúncia da obra também possibilita a crítica social do texto “à medida que faz referência direta à opressão política, e o cunho testemunhal, abrindo um espaço para os silenciados e mostrando uma outra versão da História” (MEDEIROS, 2005, p. 1). Ou seja, *Memórias* traz a consciência do homem assujeitado, impotente, violentado a quem não cabiam esperanças, pois a morte

parecia o fim mais próximo e certo, o que quebra a expectativa de silenciamento das vozes oprimidas. Essa consciência nos é construída com estigma da dor, do sentimento de revolta que nos induzem a um apelo de não se repetir tal violência, repressão, sofrimento.

Ao demonstrar tal posicionamento, percebemos o tom combatente de *Memórias* em luta pela não repetição dessas experiências, como se a sua narração fosse estímulo para nós leitores percebermos que violências como as vividas pelo personagem-narrador e outros prisioneiros durante as prisões na Era Vargas não sejam vistas como forma de solução de conflitos, imposição de valores ou até mesmo manutenção da ordem. Nesse sentido, o enfoque dado não apenas à memória individual, mas à coletiva confere à narrativa um teor combativo mais intenso e uma consciência crítica aguda. A história contada não se refere apenas ao vivido pelo narrador e seus companheiros de celas, mas a qualquer sujeito que, naquele contexto, era alvo do sistema, e essa reflexão é sugerida pela construção de uma memória coletiva acerca dos eventos nas prisões.

Dada essa especificidade da obra de Graciliano Ramos, podemos nos perguntar como ela articula essas correlações com a História e quais seriam suas funções sociais, em que sentido a sua leitura permite ao leitor conhecer outras versões de uma História marcada pela violência, opressão e dor. O primeiro aspecto que chama atenção antes da primeira e segunda parte do livro é uma nota explicativa, redigida pelo historiador e literato Nelson Werneck Sodré, na qual estão destacados os motivos que levaram Graciliano Ramos a escrever *Memórias do cárcere*. No prefácio, Nelson Werneck Sodré (2004) salienta que

Graciliano dizia como pensava em escrever estas memórias, como abordaria certos aspectos, como definiria alguns ângulos. Foi muito depois de pensar e projetar que se lançou a tarefa, para ele muitas vezes penosa de se passar ao papel os capítulos em que descreveu, passo a passo, não a sua experiência pessoal, mas, o que é importante, o que é fundamental, o retrato de uma época. (SODRÉ, 2004, p. 09)

Essa justificativa deixa o leitor preparado para a compreensão de que estamos diante de uma obra densa com significados expressivos de uma época, aliando as memórias de Graciliano Ramos autor. Portanto, o testemunho de Graciliano Ramos, interpretado por Sodré (2004) como “retrato de uma época”, apresenta uma dimensão histórica ratificada tanto pelas memórias apresentadas, quanto pelas referências a episódios e personagens significativos da história brasileira, como Olga Prestes, e pela própria nota explicativa da edição do livro. É assim um depoimento, um testemunho de um momento histórico doloroso de nossa história.

Dessa forma, é uma sinalização que uma das funções do livro é promover um diálogo crítico com a História, acentuando, por exemplo, através das vozes reproduzidas que aos prisioneiros não há direitos e que as prisões são para aqueles que não dispõem de “padrinhos”: “- Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. Quem foi grande, esqueça disto. Aqui não há grandes. Tudo igual. Os que têm protetores ficam lá fora. Atenção. Vocês não vêm corrigir-se, estão ouvindo? Não vêm corrigir-se, vêm morrer.” (RAMOS, 2001, v. 2, p. 69)

Na forma narrativa dessas memórias, o personagem-narrador destaca também que a degradação da vida dos presos torna-se cada vez mais intensa à medida que eles são transferidos de uma prisão para outra: “Era o pavilhão dos militares. O chão liso, as paredes nuas valorizavam demais o conforto escasso perdido uma hora antes. (...) iríamos para a colônia? Essa pergunta muitas vezes se repetiu.” (RAMOS, 2004, p. 09 V. II). Diante de tais observações do narrador, no momento em que estavam no pavilhão dos militares, ele e seus colegas de prisão depararam-se com um ambiente hostil. O personagem-narrador utiliza os adjetivos “liso” e “conforto” para caracterizar o lugar a fim de destacar o cenário como um ambiente frio, pouco aconchegante. O ambiente descrito por Graciliano Ramos dá indícios do lugar precário que é a prisão, reforçando a visão de desconforto tanto das instalações como do desconforto físico e psicológico que os detentos ainda iriam presenciar.

Ainda no excerto em questão, diante da pergunta sobre a Colônia, Graciliano analisa que era um lugar pior que este onde estava, no pavilhão dos primários, com mais torturas e maus tratos, por isso a insistência em saber se iriam para lá. Essa memória do narrador assinala para uma projeção do gradativo mal-estar presente na rotina dos prisioneiros do Estado Novo que, a cada momento, são levados a lugares cada vez mais depreciativos que o anterior em um processo que acentua as condições marginais de sobrevivência. Isso nos leva a concluir que o texto literário também está cumprindo uma função social: mostrar, sob o ponto de vista interno do preso, o que era na época estar condicionado ao cárcere, o que colaborava para degradação do sujeito, o fim previsto para cada um que lá chegava.

A propósito de tais ponderações, é relevante relacionar algumas proposições de Walter Benjamin que, em 1936, escreveu um importante ensaio intitulado “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, com o desígnio de discutir, como a arte de narrar, de transmitir o conhecimento de geração em geração, entra em declínio no instante em que a experiência coletiva perde a força e abre espaço para a experiência solitária:

Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1994, p. 197-198)

Nesse sentido, Walter Benjamin (1994) acentua o quanto a dificuldade de saber narrar está presente nas ações da humanidade como as experiências de vida, fenômeno este cada vez mais em baixa. Diante de tais considerações, acentuamos que o contexto do Estado Novo, período este de 1937 a 1945, narrado no texto de Graciliano, torna-se um manifesto das prisões brasileiras a partir de uma perspectiva narrativa que revela dor em ter de contar experiências dolorosas, como se a faculdade de intercambiar experiências como essa fosse algo penoso para quem as viveu. Isso poderia justificar a escolha por memórias que possibilitam um distanciamento diante dos fatos narrados e não, por exemplo, contos ou romance.

Nas memórias, percebemos que os detentos voltavam mudos das prisões, onde suas experiências comunicáveis tornaram-se mais raras. Analisando por esse viés, o narrador justifica a ausência de comunicação ao sair da prisão, alegando que os motivos que os levaram ao silêncio foram uma série de fatores ligados ao período político vigente da época e o quanto era difícil relembrar o sofrimento da prisão, o que nos remete novamente à ideia de Benjamin (1994) que defende que é difícil narrar experiências de barbárie. De acordo com o narrador, a opção em relatar o que lhe acontecera na prisão foi uma decisão penosa e, como se passaram muitos anos entre os acontecimentos e os relatos, muitos dados se perderam. Logo o que se apresenta nas memórias são recortes da época:

Revolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos, (...) Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. (RAMOS, 2004, p. 35, V. I)

Tais recortes trazidos pela lembrança do narrador são uma alternativa que este encontra para superar o trauma decorrente das experiências de dor, violência e opressão. À medida que o narrador tenta contar, mesmo que com dificuldades, as memórias da época da prisão durante o Estado Novo, podemos constatar que através da narrativa podemos encontrar

um meio para se construir uma memória dos fatos, lutando para que eles não sejam esquecidos. Portanto, temos nesse aspecto uma função social importante da obra: a de colaborar para o reconhecimento de episódios de barbárie assumidos em uma dimensão individual, mas também coletiva e, ao reconhecê-los, lutar para que não sejam repetidos. É a capacidade de resistência que a literatura pode acentuar.

Diante dessa reflexão, ressaltamos um importante ensaio intitulado “Narrar o trauma - a questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, de Márcio Seligmann-Silva (2008), com o intuito de discutir sobre o testemunho, a memória do trauma, a política da memória e o trauma. Márcio Seligmann-silva (2008) pondera que: “A memória do trauma é sempre em busca do *compromisso* entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 75). Nesse sentido, Seligmann-Silva acentua que as catástrofes históricas como as violências e perseguições geram a memória do trauma e é por meio dela que o testemunho apropria-se da sua memória individual e também da memória coletiva para dar o seu depoimento. Com base dessas considerações, ressaltamos um fragmento de *Memórias do cárcere* com o objetivo de refletir como a memória individual do narrador faz parte também da memória da coletividade:

Os percevejos da Detenção eram na verdade uma praga, e em vão tentávamos saber onde se escondiam. [...] Deviam alojar-se nos ferros das grades, nas juntas das camas, nas grades dos guarda-ventos. Examinávamos pacientemente os lugares suspeitos, esmieuçávamos a roupa, as cobertas, os colchões, os travesseiros. Nenhum sinal dos miseráveis. Durante o dia era possível esquecê-los. [...] À noite deixavam-nos repousar alguns minutos: era como se calculassem o tempo, soubessem a hora de atormentar-nos. Quando íamos adormecendo, uma ferroada nos despertava, sentíamos carreirinha na pele, cócegas, comichões. A trave de ferro já não me incomodava: habituara-me depressa a arrumar os ossos no colchão. Agora o tormento era aquele, picadas, o teimoso fervilhar. Virava-me, coçava-me, erguia-me afinal desesperado, sacudia os panos, em busca dos terríveis inimigos. Invisíveis, pertenciam com certeza ao organismo policial, realizavam fiéis a tarefa de importunar-nos da melhor maneira (RAMOS, 2004, p. 245 v. I).

Através dessa passagem, o narrador apresenta algumas características do cotidiano de medo, dor e pânico em que estavam mergulhados os indivíduos. É uma imagem do passado que ficou na sua memória individual do narrador porque expressa o trauma, a dor e a indignação por ter que passar todas as noites cuidando para não serem picados pelos insetos. Dessa maneira, a memória do trauma, nesse fragmento, além de ser individual, é coletiva, porque está transmitindo uma situação traumática da coletividade. É o que notamos no

fragmento em análise, quando os presos, assim como o narrador-personagem, acreditam que as picadas do inseto e o fervilhar serviram para deixá-los impacientes e agitados, impedidos de dormir, e chegam à conclusão que isso acontecia pela influência da polícia, já que os policiais queriam importuná-los, até mesmo à noite.

Ao verificarmos a construção de uma memória coletiva acerca da violência aos prisioneiros no Estado Novo, cabe-nos pensar os efeitos sentido que essa construção proporciona. Antonio Candido, em uma conferência em 1972, apresentou o texto “A literatura e a formação do homem” com o intuito de discorrer sobre a humanização através da literatura, destacando o papel que a obra literária tem na sociedade. Para Antonio Candido (2002):

A literatura pode *formar*; mas não segundo a forma pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa- o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida.” (CANDIDO, 2002, p. 83).

Com base nessas considerações, podemos nos perguntar em que medida a obra de Graciliano Ramos pode *formar e* ainda qual seria sua função social. Ela pode formar na medida que instiga-nos a refletir, a formar um juízo dos fatos narrados, vividos, representados. Por essa razão, a obra forma leitores críticos e reflexivos, porque ela nos induz, sensibiliza-nos e humaniza, toca-nos não somente pelo que o livro conta, mas também pela forma como narra essas experiências desse momento histórico, dando poder de fala a quem estava à mercê da voz autoritária do governo. Ao trabalhar também com questões temáticas relacionadas com a violência, o trauma e a dor, *Memórias do cárcere* aborda a realidade carcerária assumindo, assim, a função de texto denunciador das atrocidades e do autoritarismo do governo e dos militares para a sociedade. Com isso, induz a sensibilidade do leitor diante dos fatos narrados, como podemos explicitar com o seguinte fragmento:

Ouvimos um barulho grande, vozeria para os lados do Pavilhão dos Primários e o faxina preto nos cochichou que a polícia especial tinha aparecido lá e quebrado muita cabeça. Porquê? O informante erguia os ombros; tinham lhe dito apenas aquilo: várias cabeças partidas. (RAMOS, 2004, p. 28 v. II)

Nesse sentido, a obra *Memórias do cárcere* aproxima o leitor dos efeitos como a violência, o susto ao escutar muito barulho e, ao mesmo tempo, a angústia de não saber o que exatamente aconteceu com os presos e o motivo de a política ter violentado ou até matado as



peças que lá estavam. Por isso, a obra literária aproxima o leitor dos efeitos narrados porque ele terá conhecimento de uma realidade desde então desconhecida. Assim uma das funções sociais da obra é a de aproximar o leitor dos eventos do Estado Novo de forma reflexiva e analítica, assumindo, assim, uma visão mais detalhada dos fatos ocorridos. A obra teve uma publicação bastante expressiva nos anos 1950 sendo um livro relativamente caro e lançado em quatro volumes, e desde logo virou um *best-seller*. Igualmente repercutiu na crítica com vários artigos de autores renomeados. Diante desse sucesso, apenas os jornais comunistas silenciaram, ignorando-o, porque a obra representava, para eles, um assombro em relação ao documento da época e o depoimento estupefaciente sobre as misérias do governo de Getúlio Vargas.

Cabe aqui abordarmos o interessante estudo feito por Ricardo Ramos com a obra intitulada “Graciliano: retrato fragmentado”<sup>3</sup> sobre o pai e escritor, Graciliano Ramos. Ricardo Ramos abordou algumas passagens da vida pessoal e profissional do pai com o intento de tornar público alguns detalhes significativos no que diz respeito as suas obras, um dos maiores escritores já lido por retratar tão bem a realidade brasileira, por meio dos contos, romances e autobiografias, algumas obras que problematizam a violência social, como é o caso da obra *Memórias do cárcere*. Nesse sentido, Ricardo Ramos (2011) alerta para a crítica social do livro ao salientar que

A leitura continuada de *Memórias do cárcere* nos revela nitidamente, a extensão da sua crítica. Ao militarismo que imperava no partido, herança do tenentismo, dominando os altos escalões e, sem excluir ninguém, desde o seu principal dirigente, afastava qualquer possibilidade de democracia ou simples discussão interna. (RAMOS, 2011, p.213)

Através dessa passagem do ensaio crítico de Ramos (2011) e à medida em a leitura da obra literária avança, os leitores deparam-se com a turbulenta realidade carcerária e partidária do país, mas sem ter em mãos uma perspectiva panfletária, estritamente documental ou jornalística. Com isso, os eventos do Estado Novo emergiram para a sociedade através da narrativa, mostrando desde o militarismo que dominava o governo em voga, passando pelo seu domínio exagerado com prisões e torturas onde qualquer pessoa podia ser mandada para lá e o afastamento de ideias democráticas que seriam contra a sua forma de governar. Nessa

---

<sup>3</sup> Ricardo Ramos morreu em 20 de março de 1992, deixando os fragmentos memoriais de *Graciliano: retrato fragmentado* manuscritos e datilografados. Passado vinte anos é publicado o livro novamente.

mesma linha de raciocínio, encontramos na narrativa de Graciliano Ramos uma referência ao passado não democrático da época Vargas:

Sem dúvida tencionavam provar-nos que eram fortes, podiam fazer conosco um jogo de gato com rato. Ao mesmo tempo, em notas oficiais e em discursos badalados no congresso, tentavam abafar tênues rumores, notícias vagas de maus tratos. A liberdade de imprensa funcionava contra nós, achava o governo excessivamente generoso, e essas mentiras me davam de que a reação ainda precisava enganar o público e não dispunha de muita força, como nos queria fazer supor. (RAMOS, 2004, p. 343, v. I)

Em tal passagem, podemos perceber a análise do narrador ao escrever sobre os policiais achavam-se mais fortes porque eram eles que tinham a autoridade e dispunham de artifícios para mal tratá-los. Nesse sentido, surgem boatos na sociedade sobre a violência na prisão, porém foi negado no Congresso na tentativa de abafar essas informações dos maus tratos com os prisioneiros. Com essa atitude, a imprensa apoiava o governo ao omitir fatos. Já os presos, como também Graciliano Ramos, indignavam-se com esse fato, porque eram eles que estavam sofrendo as mais diversas humilhações e nada podiam fazer. Ao narrar tais cenas que caracterizam aquela época, podemos identificar uma função histórica da obra no que tange ao discurso que narra a história. Tem-se uma função histórica à medida que se narra uma outra versão da História, não sendo uma versão oficial, mas uma que expõe as fissuras, a dor e a violência a partir do olhar de quem as sofreu e não de quem está no poder. Lendo tais memórias, deparamo-nos com uma perspectiva mais “realista” e pormenorizada de uma história que não se quer repetir, dado o trauma que acarreta na vida do sujeitos, como pode ser visto no excerto a seguir:

Os homens do trabalho foram chegando, sujos de pó, vermelhos, suarentos. Cerca de meio-dia saímos do galpão, outra vez nos dirigimos ao refeitório. (...) logo veio a comida: feijão negro, farinha, um pedaço de carne. Uma insignificância, ninguém podia alimentar-se com tão pouco. Mas o que me assombrava era o aspecto da bóia. Horrorizei-me, pensando em vômito, em lata de lixo. Afirmo a mim mesmo ser impossível um estômago suportar aquilo. (RAMOS, 2004, p. 77 v. II)

Diante desse fragmento, notamos que os presos eram obrigados a trabalhar no sol, não podiam tomar água, eram mal alimentados porque a comida, além de vir em pouca quantidade, não era saudável e bem preparada. Com isso, a obra representa a realidade do país e a dos presos sendo desumanizados e desrespeitados. O leitor depara-se com uma obra que aborda o ser humano, nesse ambiente, como despersonalizado e reprimido dos seus direitos.

Por isso, essa literatura aproxima o leitor dos efeitos narrados de *Memórias do cárcere* e ajuda a compreender melhor a sociedade da época do Estado Novo, sensibilizando e humanizando o leitor com os atos de violência e desumanização muitas vezes não informados em veículos que se propõe a contar a História. Tem-se assim uma visão acerca desse momento a qual é diferente daquela apresentada por representantes do poder.

Na forma narrativa da obra, encontramos uma mescla de memória, testemunho e autobiografia que estão relacionadas com o sujeito que tem a necessidade de narrar suas experiências, e por isso as memórias surgem como uma opção. Embora a obra apresente uma mescla de autobiografia e as memórias do autor que conte algumas de suas lembranças, trazendo uma memória que se articula com o passado porque é lá que ele busca informações para articular no presente as informações repressoras capazes de se inserir na situação atual, não há como negar o cunho testemunhal do livro. Este enfatiza o testemunho de Graciliano Ramos na prisão, abordando uma ética na escrita para representar diversas ações de violência e dor através da sua capacidade de relatar o seu trauma e o da coletividade. Sob esse prisma, o trauma de Graciliano Ramos e dos presos não se constituíram no momento em que estavam encarcerados, porém após esses acontecimentos, é nesse instante que Graciliano Ramos narra os fatos violentos, visto que, muitas vezes, encontra resistência na compreensão dos acontecimentos traumáticos e até mesmo dificuldade de lembrar o que gostaria de esquecer.

A escolha estética abordada na obra permite ao leitor melhor conhecer as experiências do cárcere, porque estamos diante da voz de quem viveu e observou à margem naquela época. Por essa razão, Graciliano Ramos faz a obra dividida em quatro partes subdivididas em dois volumes, para mostrar a sequenciação da experiência de prisão do personagem. Entendemos também que a divisão em seções é uma forma de gradativamente acentuar o horror, a violência e a dor vividos pelos personagens da Era Vargas. A primeira parte intitulada “Viagens” ressalta a viagem no navio Manaus para a prisão no Rio de Janeiro, sem acusações ou interrogatórios. No porão do navio Manaus, os presos viviam diariamente com o calor, o lixo, a sujeira e as instalações eram precários. Graciliano Ramos compara os indivíduos como cadáveres por serem sonâmbulos e terem uma aparência horrível. Ali são os primeiros indícios da degradação. Na segunda parte, intitulada “Pavilhão dos Primários”, o narrador observa o clima de opressão é intenso, pois os policiais usavam da tortura física e da pressão psicológica para servir de cunho confessional. Nessa parte, percebemos o gradativo aumento da tortura e da dor. Na terceira parte, intitulada “Colônia Correccional”, temos o grau mais

expressivo da degradação dos indivíduos. Os presos conviviam com a fome, sujeira, dor, enfim, com a morte. Os presos já não tinham mais paciência e educação com eles mesmos e a indignação com o governo do Estado novo aumentava diante das condições que estavam expostos. Por fim, na quarta parte, intitulada “Casa de Detenção”, retrata-se a transferência de Graciliano Ramos e outros sobreviventes da Colônia correcional para a Casa de Detenção. Nesse local, Graciliano Ramos observa o seu estado lastimável, desfigurado, um fantasma decorrente da dor suportada. Nesse sentido, as quatro partes são divisões feitas para o leitor compreender melhor com um certo caráter didático porque assim mostra a sequência gradativa da tortura física e psicológica sofrida pelos presos na Era Vargas.

A obra estabelece diálogo com a História porque nela temos uma representação reflexiva da repressão que o Brasil viveu nos anos de 1936 a 1945. Esta fase conturbada da história do país foi marcada pela violência, pelo autoritarismo e pelas repressões que refletiam na sociedade da época no governo liderado por Getúlio Vargas e incitara a sua narrativa em uma obra artística de cunho testemunhal. Nesse sentido, o diálogo se faz na medida em que o narrador vai apropriando-se desses fatos históricos para fazer ligações com *Memórias do cárcere* (1953) através do testemunho de Graciliano Ramos, assumindo um tom pessoal de seu depoimento para atribuir um maior efeito e com isso os fatos de tortura física, maus tratos, alimentação precária serviram para aproximar mais a obra ao leitor com uma sensibilidade maior. Por essa razão, a obra dá uma maior verossimilhança dos fatos ocorridos na prisão.

Uma função social da obra *Memórias do cárcere* parece que é a de trazer uma visão mais detalhada e crítica da sociedade da época e isso faz com que o leitor aproxime-se dos fatos narrados em primeira pessoa; é uma opção narrativa que dá um efeito mais interessante ao texto, ou seja, deixa-o mais atrativo por retratar a realidade dos anos 30. Por isso, através da obra a sociedade tem a oportunidade de conhecer melhor o Brasil politicamente; nesse sentido, Graciliano Ramos apresenta um lado sombrio do país, já que as prisões estavam sendo usadas como uma forma de reprimir a opinião dos indivíduos, com uma sociedade voltada para o autoritarismo. A obra fez muito sucesso, principalmente no ano de sua publicação, em 1953, quando a população ficou sensibilizada com o sofrimento e as duras punições que os presos eram submetidos, contribuindo para a reflexão mais democrática da sociedade da época.

O ato de contar pode ser visto como uma tentativa de cura porque, ao narrar, é como se Graciliano Ramos estivesse tentando superar a dor daquele passado sombrio. Por isso, é

importante narrar para não esquecer os fatos dolorosos, e contar essas memórias seria uma maneira de solucionar os conflitos e amenizar a dor e o trauma da prisão. Nesse sentido, narrar pode ser uma experiência da cura dos traumas, pois este, além da violência física, deixa feridas na alma não cicatrizadas. Ao narrar, é como se Graciliano Ramos tirasse do seu interior a dor, a indignação de ter testemunhado não somente a sua passagem traumática na prisão, mas de seus companheiros. Para o narrador, a violência física com o tempo é remediada, já a psicológica fica impregnada e é por intermédio da narrativa que o leitor vive juntamente com o narrador as memórias da prisão que deixou marcas físicas e psicológicas. Tem-se uma ênfase ao olhar constantemente para corpos magros e debilitados, a dor, a sujeira e aos maus tratos constantes, decorrentes da desumanização das prisões, o que nos permite conhecer uma história a contrapelo, diferente daquela oficial. Portanto, as *Memórias do cárcere* são uma forma de se ter contato com a realidade da década de 30, pois nos remetem ao testemunho da violência, do atraso político-social e das estratégias governamentais de reprimir as classes sociais, sufocando a sociedade com autoritarismo na tentativa de assegurar a total dominação da era Vargas no país.

***THE LITERATURE DIALOGUES WITH THE HISTORY: CONSIDERATIONS  
MEMORIES OF PRISON, BY GRACILIANO RAMOS***

**Abstract:** *This article presents reflections on the work Memórias do cárcere written by Graciliano Ramos. It intends discuss relations between literature and history. When weaving such a dialogue, highlights social function of the work.*

**Keywords:** *Literature. Memórias do cárcere. History.*

**Referências**

- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política.** Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. Vol. I.
- \_\_\_\_\_. Conto e cura. In: \_\_\_\_\_. **Rua de mão única.** Trad. Rubens Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. Vol. II.
- CANDIDO, Antonio. Os bichos do subterrâneo. In: \_\_\_\_\_. **Ficção e confissão.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 71-91.
- \_\_\_\_\_. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção.** São Paulo: ED. 34, 2002. p. 77-92
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin: os cacos da história.** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MEDEIROS, Joselaine Brondani. Memórias do cárcere: uma possibilidade de releitura da história. **Revista Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 5. Disponível em:

<http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num5/ass04/pag01.html>. Acesso em: 30 jan. 2015.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. Graciliano Ramos: o artista e o intelectual das “Memórias do Cárcere”. **Entreletras** - Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT – nº 3 – 2011-2. Disponível em:

[http://www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/16.\\_graciliano\\_ramos.pdf](http://www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/16._graciliano_ramos.pdf). Acesso em: 12 fev. 2015.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 40. ed. São Paulo: Record, 2004. 2v.

RAMOS, Ricardo. **Graciliano**: retrato fragmentado. São Paulo: Globo, 2011.

SELIGMANN-Silva, Márcio. **A literatura do trauma**. *Revista Cult*, São Paulo, n. 23, p. 40, jun. 1999.

\_\_\_\_\_. Narrar o trauma. A questão dos testemunhos de catástrofes históricos. In: \_\_\_\_\_; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot (Org.). **Memória da repressão Santa Maria**: UFSM, PPGL, 2008. p. 73-92.

SIMINI, Fabio Villani. *Memórias do Cárcere*: Memória e resignificação na obra de Graciliano Ramos. **Anais do XIV Encontro Regional ANPUH-RIO de Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro, UNIRIO, 2010. Disponível em:

<[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1277726962\\_ARQUIVO\\_FabioVilaniSimini.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1277726962_ARQUIVO_FabioVilaniSimini.pdf)>. Acesso em 12 jan. 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Graphia, 2004.

**Artigo recebido em abril de 2015.**

**Artigo aceito em maio de 2015.**